

O ALGARVE ILLUSTRADO



JORNAL LITTERARIO

COLLABORADORES: — Ex.^{mos} Srs.: João de Deus, Henrique Moreira, dr. J. F. Guimarães, José M. Reis, Annes Haganha, Cordes de Avellar, Rêcha Pinto, Salazar Menezes, Casimiro Dantas, Martins Coutinho, Costa Bonanca, Loupô Tavares, S. Coelho de Carvalho, Estácio da Veiga, Paes e Ayel, Duarte de Almeida, Carlos Paiva, Pedro Telles, Alvaro Cunha, dr. A. J. Gonçalves Guimarães, dr. Lisímo Guimarães, A. Cruz, Santos Fonseca, Joaquim Mascarenhas Netto, J. M. Leotte Quintino, Marcelo Ortigão, Jonam Pires, Joaquim d'Arújo, Theophilo Braga, Gonçalves Crispin, Abilio Maia, Jayme de Segner, Carlos Boaventura, Jayme de Bivar, Ernesto de Azevedo, F. Roças, Paula Nogueira

PROPRIEDADE DE J. F. TAVARES BELLO

N.º 9

ASSIGNATURAS

80 réis cada número, pagos no acto da entrega. Número avulso 120 réis. Photographia em separado, meia chapa 150, cartão de visita 80 réis.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez

Sexta-feira 1 de outubro de 1880

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência de cá ser dirigida a J. F. Tavares Bello, Faro, rua de S. Pedro n.º 12. Os originaes enviados, sejam ou não, publicos, não se restituem.

I ANNO

O THEATRO LETHES

Sob o influxo das bellas naturaes que o Algarve encerra, — n'este jardim do occidente onde brilha, em continua primavera, o sol vivificador, e a alma se expande na contemplação embevecida do azul purissimo do firmamento nadando em luz, do *vesto ameno*

mais mollestas possuem o seu theatro.

Está n'este facto a affirmação do conceito que avancei.

O theatro *Lethes*, porém, em virtude das condições especiaes que reúne, leva vantagem, não só a todos os theatros d'esta provincia, mas aos de todas



THEATRO LETHES EM FARO

da lua em noites de eterno abril, — são innatos o amor pelas bellas-artes, o sentimento poetico e a dedicação pela arte dramatica.

Não cabe nos estreitos limites de que disponho desenvolver detidamente esta asserção, aliás demonstrada por escriptores de robusta intelligencia e vasta illustração.

A photographia que o *Algarve Illustrado* — offerece hoje aos seus leitores representa o theatro *Lethes*; por isso é sobre o assumpto que lhe diz respeito e que traduz uma das paixões predominantes da população algarvia, que onsaerei prender a sua attenção, se bem que mui resumidamente.

Quasi todas as povoações do Algarve, ainda as

as ontras de Portugal, e até a muitos de Lisboa.

Não prima pela elegancia da sua architectura exterior; mas, em compensação, abunda em accommodações interiores. O seu palco é bastante espaçoso; na platéa tem logares para duzentos e quinze espectadores; os camarotes, que comportam seis pessoas são em numero de cincoenta e um, alem da varanda que pode accommodar cem pessoas pelo menos. Tem uma excellente sala para ensaio de orchestra, arrecadações magnificas, vastos corredores, confortaveis camarins onde se encontra, disposto a capricho, tudo quanto o actor curioso pode necessitar.

Na parte artistica se não preenche as aspirações caprichosas, as velleidades dos que, por

ventura, possam encaral-o com a altivez sobranceira de quem só frequenta os principaes theatros do mundo, como: *La Scala*, de Milão, *La Fenice*, em Veneza, *San Carlo*, em Napoles, de *Coccomero*, em Florença, de *Alexandrina*, em S. Petersburgo, de *Covent-Garden*, em Londres, etc., etc., corresponde solemne, digna e nobremente ao pensamento da legenda que adoptou: — *Monet oblectando*.

E com justa razão que o Algarve se orgulha de contar entre os seus estabelecimentos notaveis o theatro *Lethes*.

Com effeito, dotado de todas as commodidades que podem exigir-se, de um scenario irreprehensivel e luxuoso, de um guarda-roupa aprimorado e rico, que tem sido innumeradas vezes admirado com surpresa, pôde nfanar-se de occupar um lugar de honra entre os theatros portuguezes.

Não sou suspeito n'esta apreciação, porque não nasci no Algarve.

Se uma pertinaz reluctancia, cuja causa me não cumpre investigar aqui, tem conservado esta provincia afastada do resto do paiz, nem por isso lhe punge a saudade pela admiração das composições gigantescas, dramaticas ou musicas, de muitos auctores portuguezes e estrangeiros.

É talvez a unica desforra que tem sabido tirar, com usura, do isolamento a que se vê condemnada.

A inauguração do theatro *Lethes* teve lugar no anno de 1845.

Foi uma festa esplendorosa cheia de enthusiasmo e de jubilo, cuja recordação se conserva indelevel na memoria dos que a ella assistiram.

Consagrado pelo seu illustre proprietario, o fallecido sr. dr. Lazaro Dogliani para recreio dos curiosos da arte dramatica, exhibiu, em primeira representação, o drama *Almansor*. Foi o seu primeiro brazão de gloria.

De então até hoje, em successivos triumphos, tem enriquecido o seu repertorio, praticando até comnetimentos arrojados, (e expresso-me d'este modo, por que o publico de Faro é considerado um dos mais parcimoniosos na concessão de applausos), abalauçando-se a pôr em scena — *O Alfageme de Santarem*, — *Frei Luiz de Sousa*, — *Giralda*, — *Frei Cactano Brandão*, — *O Aliciador*, — *A Escala Social*, — *O Poder do Ouro*, — *A Doida de Mont-Magnor*, — *Vida de um rapaz pobre*, — *Morgaliuha de Vulfior*, etc. — e no genero lyrico — *A Grã-Duqueza de Gerolstein*, — *O Barba Azul*, — *Amar sem conhecer*, — *Marina*, *Diamantes da Coroa*, — *Jugar con fuego* — *Valle de Andorra*, — *Juramento*, — e muitas outras peças de que me não lembram os títulos, todas de subida valia, mas de difficil execução.

Seria longo fazer a citação dos nomes de todos os curiosos que se têm distinguido na interpretação d'aquellas peças. Atrevo-me, porem, a pedir licença para repetir o de alguns, que pelo seu talento artistico, pelo seu aturado estudo têm conquistado, em differentes epochas, os mais abalisados testemunhos do lisongeiro e merecido apreço dos seus admiradores, e são: — As sr.^{as} Maria Amelia Macedo, Florinda Macedo, Antonia, as actrizes curiosas, Anna da Luz, Albertina, Theresa Aço e Joanna Carlota — os srs. João Diogo Frederico Crispin, Francisco Constantino Pereira de Mattos, Francisco Antonio da Fonseca, Antonio Pedro Mascarenhas, José Joaquim Peres, José Diogo Frederico Crispin, Antonio Bernado da Cruz, João dos Reis Stromp, Antonio Tavares, Francisco Tavares e João Tavares.

Que tão distinctos cultores da arte do Talma me perdoem a referencia, se, por acaso, posso offender a sua excessiva modestia; mas é um preito consciencioso que muito me honro de poder confirmar-lhes n'este lugar.

Alguns actores de profissão existem, e outros fazem á sombra dos cyrestes, que singida a frente pelos immareciveis louros alcançados nas lides afanosas e improbas do palco, preenchem um lugar distincto na galeria dos primeiros actores portuguezes, e que enctaram ou aperfeçoaram a sua gloriosa carreira no theatro *Lethes*. Citarei os nomes de — Sargedas, Franco, Mucedo, Mendes Leal, (Antonio) e Cezar Polla, que tambem exerceram por bastante tempo o cargo de ensaiadores do mesmo theatro.

E fallando de ensaiadores não posso deixar de referir-me aos srs. João Biker, e aos seus antecessores na regencia da orchestra — Antonio Alexandre Pereira Pinto e José Vaz Palma, todos amadores da arte musical, mas profundos e distinctissimos. Devido á sua proficiente direcção, a excellente orchestra do theatro *Lethes*, composta de curiosos infatigaveis e de subido merito, tem sido justamente admirada por abalisados professores.

Sabendo-me a honra de fazer a descripção, ainda que deficitante, do theatro *Lethes*, e como idéa conjuga-la de me reportar á fama honrosa que tem acompanhado a sua existencia, não devo deixar no olvido o nome de um cavalheiro a quem a morte arrebatou no vigor da vida e que tão assignalados serviços prestou ao mesmo theatro. É uma justa homenagem prestada a memoria de José Antunes Baptista que por muito tempo foi encarregado do guarda-roupa e adereços. Que dedicação, que boa vontade, que zelo, que inimitavel bom gosto elle empregava para que todas as peças subissem á scena do modo mais brilhante e digno de elogio!

Foi uma perda lamentavel e o theatro recorda constante e saudosamente a sua companhia e os seus valiosos serviços.

Que direi d'essa vulto veneravel, a quem, por direito de successão, pertence hoje a propriedade do theatro *Lethes*?

É pobre o meu estylo para o elevar tanto, quanto o merecem as suas acrisoladas virtudes.

Quem ha, que não conheça o doutor Justino Cumano?

Quem ignora que s. ex.^a, compenetrado da irrefutavel verdade — *Monet oblectando* — votado d'alma e coração á pratica das acções nobres e grand osas, concorre bisarramente com a sua illustração, com o seu amor idolatra pela civilisação e progresso, com os seus avultados haveres, para o esplendor progressivo que o theatro *Lethes* ostenta desde a sua fundação?

Ante o poder irresistivel da sua respeitabilidade, da veneração de que é aoredor, direi mesmo da gratidão devida a s. ex.^a, por ser o poderoso sustentaculo de um estabelecimento que symbolisa uma das glorias do Algarve, — não ha difficuldades, não ha obstaculos que se não desfaçam como por encanto.

Eis por que affirmei que o theatro *Lethes* reúne condições especiaes de existencia. É porque lhe está vinculado o nome de Justino Cumano, que jamais se apagará da memoria dos que amam as artes e o progresso; e tanto a geração actual como as vindouras hão-de venerar o, com o profundo respeito e reconhecimento, que se tributa perennemente aos que, como s. ex.^a, são obreiros alcançaveis e exemplares da civilisação.

Rocha Pinto.

EXISTES

Eu podia simplesmente:
seccar a fonte da vida,
e na morte apeteecida
deseançar eternamente;

fechar os olhos, dormindo
no leito da sepultura:
alcançaria a ventura,
despertaria sorrindo.

A morte não custa nada;
é illusão esse medo
com que a olhamos; segredo
que ella descobre -- mais nada.

Quantos, quantos n'este mundo
não teem dito o eterno — adens —
à vida bella; e o bom Deus
lhes abre o seio profundo.

E que foi? Elles voaram
da terra ao ceu n'um momento;
foi nuvem que leva o vento;
vieram aqui, passaram.

Elles lá estão agora,
tanta existencia mais pra,
no ceu... ou na sepultura;
seu coração já não chora.

Sorri... ou jaz sem alento,
sem vida, no frio nada;
n'aquella face nevada
não ha signal de tormento.

Quer sorrindo lá nos cens,
quer apagada, em summa,
nenhuma magoa, nenhuma
a nos, ahaa mostra a Dens.

Nada lhe pede; está cheia
de luz ou tranquillidade;
não sente dor ou saudade;
nada supplica ou anecia.

Tudo acabou n'um momento,
tudo apagou a morte,
seja boa ou má a sorte
n'este mundo furbulento,

Mas eu... porque é que me arrasto
n'este mundo sem descanso,
e perpetuamente longo
os olhos nesse mar vasto

mas êrmo da vida?... Existes
tu n'este mundo, e prefiro
que este ar que aqui respiro
torne os meus dias tristes.

Tristes?... Ah! eu não pretendo,
não tento dar-te a pintura
da horrivel desventura
na qual eu vivo, morrendo.

Mas p r ti. Eu anecio
porque me dês tudo quanto
faça verter meu pranto
sobre as ondas do teu seio.

Ainda mesmo que escon'as
sob a mais pura apparencia
da traição a negra essencia
na perfume d'essas ondas,

quero tudo sim. A morte
ella virá um dia

terminar esta agonia
sorrindo da minha sorte.

Ames Baganha.

— novembro 1878.

JOÃO DE DEUS

... et les provinces d'ALGARVE...auront
peut-être un jour leur Camoens.
— Junot, Proclamation aux habitans
do reino de Portugal.

Tem um sorriso limpido e tranquillo,
Cheio d'amor, de transparencia e luz,
Que nas serenas telas de Murillo
Brilharia na face de Jesus.

Não se cança ninguém jámais de ouvi-lo,
De si derrama pérolas a flux,
O seu olhar é um luminoso asyio,
Que veste os rôtos e agasalha os nús.

O reismador de *Heresta* e de *Marina* !
Ha nessa tua palidez divina
Um quê sombrio de tristeza e dô.

E eu ao ver o teu vulto austero e dôce
Digo comigo : — Emfim realison-se
A hespanholada immensa do Junot...
1878.

Joaquim d'Araujo.

NÃO CHORES

(A — S. B. A. G.)

Não chores, que o azul celeste
d'esses teus olhos se empana,
e a luz que d'elles dimana
como de luto se veste !
Não chores ! Vale mais que o ouro
o pranto que d'alma vem.
Oh ! guarda bem um thesouro
que tantas perolas tem.

Faro—1880

J. F. G.

ASYLADA

É pequenina e séria,
E tem um gesto grave
Da herdeira d'um bargrave
A palida Valeria.

Não ha flôr mais suave,
D'essencia mais etherea...
E abriu-lhe o Mundo a chave
De Vicio e da Miseria.

Na sua loira cõina
Jamais passou o aroma
Dos beijos maternaes...

O crédula Ignorancia !
Esconde aquella infancia
O nome vil dos paes.

Guilherme Crespo

Li-bra.

(A UMA PIANISTA)

¿Vedes aquelle *Erard*, — um monstro de madeira abandonado, triste, ao canto de uma sala? Parece estar dormindo, é surdo; não nos falla descança ali talvez, prostrado de canteira!

Pois bem. Ouvide agora: estremeceu! suspira! e seisma! e devancia uns intimos segredos! o monstro chora e ri! exalta-se! delira! É que sentiu no dorso os teus formosos dedos!

Candido de Figueiredo.

LA FEUILLE

*De la tige détachée,
Pauvre feuille desséchée,
Où vas tu? — Je n'en sais rien.
L'orage a brisé le chêne
Qui seul était mon soutien.
De son inconstante haleine
Le zéphir ou l'aquilon
Depuis ce jour me promène
De la forêt à la plaine,
De la montagne au ruisseau.
Je vais où le vent me mène
Sans me plaindre ou m'effrayer.
Je vais où va toute chose,
Où va la feuille de rose,
Et la feuille du laurier.*

Armasul.

A FOLHA

— Onde vais arrastada?...
Pobre folha despegada,
Onde vais tu? — Aqui...
O vento numa rajada
Derribou d'uma chapada
O carvalho onde nasci:
Desde então, seguindo o vento
Na carreira desigual
Pereorro a cada momento
Bosque, varzea, monte, valle.
Ando neste movimento
Sem desgosto e sem desdouro;
Vou na onda caudalosa
Que leva a folha de rosa...
E leva a folha de louro...

João de Deus

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a
D. VIRGINIA VAZ MONTEIRO

De noite, quando passeias
Criança gentil, leuça,
No firmamento as 'strellas
De raiva mortas estão;

Pelo brilho de teus olhos
Astros de luz, feiticcios,
Que fulgurando escurcem
Do ceu os grandes luzeiros!

Deixa, pois, criança loira
As estrellas te invejar,
A pureza dos teus sonhos
O fogo do teu olhar;

Porque Deus, artista exímio,
Com mais carinho te adora!
Até deu aos teus cabellos
A cor brilhante d'aurora!

Faro.

Pereira Roças.

O TEU OLHAR

(A — A. L. A. G.)

Um dia estando a teu lado
senti um estranho ardor...
Voltava-me todo assustado...
— era o intenso fulgor
d'esse olhar apaixonado,
com que me fitavas, flor.

Faro — 1880

J. F. G.

DESEJOS

Ai, eu quizera contigo
Sosinho d'amor fallar,
De noite, quando as 'strellas
Vêm a terra allumiar;
Quando dormita embalada
Pela brisa a natureza,
Então podera mostrar-te
Do meu amor a grandeza!

Quizera louco d'amores
Cahir, rojaa-me a teus pés,
E vêr os teus olhos lindos
Desmaiar em languidez;
E n'esse transporte santo
Dos meus sonhos de creança,
Quizera que tu me desses
A meiga flor da esperança.

Quizera voar contigo
Nas azas da poesia,
A uns mundos acarados
Da dourada phantazia;
Onde repousa tranquillo
Da voragem d'ambição,
Aquelle que tem, Maria,
De poeta o coração.

Embora viesse o mundo
Com o seu infernal juizo,
Matar as pobres florinhas
Do meu e teu paraizo;
Que m'importava? Se um raio
Divino, dos olhos tens,
Me levaria contente
A innocencia dos ceus!

Pereira Roças.

EXPEDIENTE

Em vista de não termos sido attendidos, por um grande numero de assignantes, no reclame que fizemos nos numeros 7 e 8 do *Algarve Illustrado*, para satisfazerem os seus debitos, a empresa resolveu sustar a remessa d'este numero aos cavalheiros que não têm pago; cumprindo-nos participar tambem por esta occasião que se fará a expedição dos jornaes logo que se aché pago o debito, e nas terras onde não haja correspondantes, deverão ser pagos seis numeros adiantados, pois que tendo a empresa de lhetar com bastantes despesas, só d'este modo se poderá fazer a remessa.

Aos srs. correspondentes que ainda não prestaram contas, de novo rogamos a fineza de o fazerem.

O *Algarve Illustrado*, publica no numero seguinte a vista de Albufeira, e em numeros successivos: Villa Real, Tavira, Lagoa, Silves, Lagos, Portimão etc. etc. Retratos de D. Francisco Gomes, Capitão-Mor de Faro, Remechido etc.

